



## SOCIALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: COMO OS ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFRN INTERAGEM?

Jennifer Juliana Barreto Bezerra Costa<sup>1</sup>  
Natália Cristina de Medeiros<sup>2</sup>  
Rafael Araújo da Silva<sup>3</sup>  
Adir Luiz Ferreira<sup>4</sup>

### RESUMO:

A partir de um estudo sobre a socialização no Ensino Superior, o presente artigo tem como objetivo discutir acerca de como ocorre a socialização dos estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A fim de atingir o objetivo proposto, a presente pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou como instrumento de coleta de dados a aplicação de um questionário com os alunos do 6º ao 10º período do curso de Pedagogia. Para fundamentar a pesquisa, alguns autores que discutem a temática da socialização acadêmica foram essenciais, como Coulon (2008), Ferreira (2014) e Paivandi (2014). Diante disso, o presente estudo colabora para pesquisas na área do Ensino Superior e as vivências proporcionadas aos estudantes por esse nível de ensino.

**Palavras-chave:** Ensino Superior, Socialização Acadêmica, Interação.

### INTRODUÇÃO

A socialização acadêmica, um tema que vem ganhando espaço nas discussões acerca do Ensino Superior (ES), seria a socialização entre pares no meio ambiente universitário. Entender o lado subjetivo do sujeito, bem como a vida cotidiana é um processo que demanda estudos mais aprofundados acerca da temática. No meio ambiente universitário, de acordo com Ferreira (2014, p.14), a socialização é “[...] a possibilidade e obtermos reconhecimento público a partir de nossa educação pessoal, isto é, o conjunto de saberes e conhecimentos que aprendemos e que nos foram ensinados”. Dessa forma,

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mestranda no Programa de Pós Graduação da UFRN - jukasbarreto@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mestre em Educação e doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN - nataliacristinademedeiros@gmail.com;

<sup>3</sup> Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), especialista em Alfabetização pela UFRN, mestrando no programa de Pós Graduação em Educação da UFRN - rafa.ufrn.pedagogia@hotmail.com;

<sup>4</sup> Professor Orientador: Doutor em Ciência Política, professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN - adirlfer@gmail.com.



segundo Paivandi (2014, p. 50), a socialização é “um processo que permite ao estudante se apropriar do papel dos outros e de construir assim seu ‘Eu’ enquanto estudante”. Assim, o processo de adaptação à Universidade, juntamente com a socialização, permite ao estudante a interiorização de atitudes, de dispositivos, de valores, de crenças e de expectativas.

Quando falamos em socialização no contexto universitário, ela pode ser classificada de duas formas, de acordo com Medeiros, Costa e Ferreira (2016): socialização convivial-curricular (SCC) e a socialização interpessoal-amigável (SIA). A SCC diz respeito à socialização que está mais centralizada na vivência acadêmica, nas atividades curriculares, como os trabalhos em grupo. Já a SAI, é considerada uma relação estudante-estudante, ou seja, as relações que são mais profundas, que geram um maior laço afetivo entre eles.

Corroborando com essas duas formas de socialização, para Medeiros (2018), essa socialização pode ocorrer em dois grandes espaços: fora da sala de aula e fora da Universidade, chamada pela autora de *socialização extraclasse* e *socialização extrauniversidade*, respectivamente. A socialização extraclasse, seriam as interações que ocorrem fora da sala de aula, mas, dentro da Universidade, como nos corredores, cantinas, bibliotecas e praças de convivência. Já a socialização extrauniversidade, seria a interação entre os sujeitos fora do ambiente universitário, como bares, shoppings, cinemas.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo discutir acerca de como ocorre a socialização dos estudantes, considerados veteranos (do 6º ao 10º período), do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Para atingir o objetivo proposto pela pesquisa, foi utilizado como instrumento de coleta de dados o questionário, a fim de capturar como ocorre essa interação entre os estudantes e com qual frequência essas interações costumam acontecer.

A seguir, discutiremos sobre questões acerca do público do curso de Pedagogia ser composto majoritariamente por mulheres, além da faixa etária dos estudantes e como a expansão do Ensino Superior contribuiu para que as pessoas, fora da faixa etária considerada ideal, de 18 a 24 anos pudessem ingressar no ES. Além disso, traremos como a socialização ocorre no ambiente acadêmico e como os estudos subjetivos acerca dos estudantes se faz de grande importância para o conhecimento da Universidade e do seu protagonista, o estudante.



## **METODOLOGIA**

Diante do que foi exposto anteriormente, o presente trabalho contou com alguns recursos metodológicos que possibilitaram atingir o objetivo proposto, o de investigar os estudantes do curso de Pedagogia da UFRN.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, uma vez que consideramos o lado subjetivo do problema a ser estudado. De acordo com Gerhardt e Silveira (2008), a pesquisa qualitativa se preocupa com o aprofundamento da compreensão de um grupo social que, no caso desta pesquisa, seria os estudantes do curso de Pedagogia. Com a pesquisa qualitativa, é possível encontrarmos os porquês das coisas, “os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens” (GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 32).

Para atingir o objetivo proposto pela pesquisa e para conhecer melhor o campo investigado, utilizou-se como ferramenta de coleta de dados o questionário. De acordo com Vieira (2009), o questionário é um instrumento de pesquisa que é constituído por questões, que tem como principal objetivo o levantamento de dados. Diante disso, a elaboração do questionário contou com quatro seções, que visavam traçar o perfil dos estudantes do curso de Pedagogia, bem como eles se socialização no curso. A seguir, o quadro com as seções do questionário e um breve resumo sobre as mesmas:

<b>QUESTIONÁRIO</b>	
<b>SEÇÃO</b>	<b>RESUMO DA SEÇÃO</b>
I - Dados de identificação	Nesta seção, procuramos saber o gênero, a idade e se o participante só estuda ou também trabalha.
II - Situação acadêmica	Nesta seção, procuramos saber sobre o nivelamento do participante da pesquisa, bem como a satisfação com o curso.
III - Autoavaliação de socialização e desempenho	Nesta seção, procuramos saber como o participante avalia a interação social cotidiana com os pares (colegas), professores e funcionários.



IV - Interação social com amigos	Nesta seção, procuramos saber se o participante já sentiu a sensação de isolamento social, bem como sobre a construção de amizades no curso.
V - Interação social com amigos (extraclasse)	Nesta seção, procuramos saber como o participante interage com os seus colegas e amigos do curso em ambientes extraclasse.
VI - Interação na sala de aula e na vida acadêmica	Nesta seção, procuramos saber como o participante interage com os seus colegas/amigos nos momentos de aula, como troca de mensagens eletrônicas, trabalhos em grupo.

Construído pelos próprios autores

No questionário aplicado, foi utilizada uma escala de resposta psicométrica, a Escala Likert, composta por 5 alternativas cada questão. A partir da utilização desta escala, o participante da pesquisa especifica o nível de concordância com uma afirmação.

Diante da construção do questionário, foi decidido que seria aplicado com os estudantes do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na modalidade presencial da UFRN - campus Natal, do 6º ao 10º período, do turno vespertino e noturno. Os estudantes, em sua grande maioria, têm as aulas no Centro de Educação (CE) e no Bloco de Aulas do Centro de Educação. De acordo com os dados fornecidos pelo curso de Pedagogia, no semestre de 2019.2, que foi o semestre em que a pesquisa foi aplicada, haviam 803 estudantes com matrícula ativa. Desses 803 estudantes, realizamos o total de 90 aplicações do questionário, correspondendo a aproximadamente 11% do total de alunos do curso.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da aplicação do questionário e a análise dos resultados, na primeira seção, intitulada de *Dados de identificação*, pudemos perceber que o curso de Pedagogia é constituído, em sua grande maioria, por mulheres, representando cerca de 80% das matrículas ativas no curso. Diante desse dado, Louro (1997) discute que a atividade escolar é marcada pelo cuidado, pela vigilância, bem como pela educação, que são consideradas tradicionalmente atividades femininas. Essa tendência da mulher no



magistério juntamente com a ideia dessa profissão sendo uma extensão da maternidade também está ligada ao afastamento dos homens para a atividade por causa do baixo remuneração, conduzindo os homens às profissões mais rentáveis (FAGUNDES, 1999).

Na pergunta seguinte, que diz respeito à idade dos estudantes do curso de Pedagogia, foi verificado que aproximadamente 44% dos estudantes matriculados no curso estão na faixa etária ideal para cursar o Ensino Superior, que seria de 18 a 24 anos, considerando essa faixa ideal para as pesquisas sobre juventude, bem como pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira ( INEP). Os outros 56% representam as seguintes faixas etárias: 24-30 anos (19%), 30-40 anos (28%), 40-50 anos (4,5%) e 50 anos ou + (3%). Diante desses dados, podemos inferir que esse alto número de matrículas fora da faixa etária no ES é devido à expansão no número de matrículas para Instituições de Ensino Superior (IES).

De acordo com o Censo da Educação do Ensino Superior de 2015, entre o período de 2004 e 2014, houve um significativo aumento nas matrículas, saltando de 4 milhões em 2004, para 8 milhões de estudantes em 2014 (BRASIL, 2015). Esse aumento é principalmente pelo aumento do número de vagas em instituições públicas, bem como o maior número de instituições e, conseqüente de vagas em instituições privadas de ensino.

A última pergunta da seção de *dados de identificação*, diz respeito ao exercício de alguma atividade remunerada. De acordo com os dados, 78% dos participantes da pesquisa exercem algum tipo de atividade remunerada, sejam estágios ou bolsas. Para Ferreira (2004), de acordo com pesquisas realizadas, a partir da democratização universitária, os filhos das classes populares começaram a ingressar com um considerável maior número nas universidades públicas brasileiras, porém, esses jovens estão mais presentes nos cursos de humanas e de licenciatura. Ainda para Ferreira (2016), os jovens de baixa renda são conduzidos para os diplomas de menor valor escolar e retorno econômico, sendo denominado pelo autor de *especialização social*.

Na seção seguinte, intitulada de *situação acadêmica*, procuramos saber sobre o nivelamento dos estudantes da pesquisa, bem como se esses participantes estão satisfeitos com o curso que estão matriculados e se pretendem desempenhar a profissão.

Diante disso, na primeira pergunta, procuramos saber se os estudantes estão nivelados no curso, ou seja, estão cursando todas as disciplinas previstas para o período. Como resultado, obtivemos que 65% dos estudantes estão nivelados, contra 34%



desnivelados. Desses 34% desnivelados, 50% são estudantes do curso noturno e 10% são do curso vespertino, sendo os outros 40% matriculados em ambos os turnos. Corroborando com os dados obtidos no questionário, para Mesquita (2010, p. 77) “o estudante do período noturno é considerado, em potencial, um trabalhador. Assim, infere-se que ele, ao chegar à sala de aula vai submeter-se a mais uma jornada de trabalho”. Dessa forma, podemos inferir que a porcentagem do desnivelamento no curso noturno pode vir de uma característica principal desses estudantes: uma boa parcela dos estudantes do curso noturno trabalham no contraturno, o que, muitas vezes, impossibilita desses estudantes a cursarem todas as disciplinas previstas para o semestre, devido ao cansaço e até mesmo à falta de tempo.

Nas questões seguintes, procuramos saber sobre a satisfação desses estudantes com o curso que estão matriculados e se pretendem desempenhar a profissão. Como resultado, obtivemos que 48% dos participantes estão satisfeitos com o curso e 27% estão muito satisfeitos. Já 24% dos participantes então mais ou menos satisfeitos. Sobre o desempenho da profissão, de acordo com os dados, 85% dos participantes pretendem desempenhar a profissão e 2% não pretendem desempenhar. Já os indecisos, que responderam *não sei e talvez*, correspondem à 12% dos participantes da pesquisa. Ao comparar os dados, foi possível perceber que os estudantes, em sua grande maioria, que estão satisfeitos com o curso, são os mesmos que pretendem desempenhar a profissão. Dessa forma, a satisfação com o curso e o desejo de se desempenhar a profissão estão diretamente ligados.

Diante dessa breve análise sobre o perfil geral dos estudantes do curso de Pedagogia da UFRN, a seguir, faremos uma análise sobre o perfil desses estudantes, porém, levando em consideração a interação entre os mesmos e, dessa forma, de que maneira essa socialização ocorre.

Na primeira questão, procuramos saber se, na perspectiva dos participantes, consideram-se uma pessoa bem socializada. Como resultado, obtivemos que 74% dos participantes consideram-se pessoas *muito socializadas* ou *bem socializadas*. Para Setton (2008), a socialização pode ser vista como um processo construído de forma coletiva e individual, sendo ela capaz de abranger diversas formas de ser e estar no mundo. Dessa forma, a socialização deve ser pensada como um conjunto de normas, valores, códigos e



linguagens interiorizadas por cada indivíduo, para que assim, o indivíduo possa se integrar a um grupo que, nesse caso, é a Universidade.

Corroborando com Setton (2008), a socialização no ambiente universitário é “[...] a possibilidade de obtermos reconhecimento público a partir de nossa educação pessoal, isto é, o conjunto de saberes e conhecimentos que aprendemos e que nos foram ensinados”. Dessa forma, na medida em que os estudantes se socializam e interagem entre si, aumenta a possibilidade de um reconhecimento, contribuindo para o nível de satisfação do estudante com o curso.

Na pergunta seguinte, procuramos saber se os estudantes estão satisfeitos com as amizades no curso. Como resultado, 80% dos estudantes estão satisfeitos com as amizades construídas ao longo do curso, contra 18% que estão pouco satisfeitos ou nada satisfeitos. Complementando esta questão, procuramos saber se os estudantes consideram que têm uma boa quantidade de amigos no curso. De acordo com os dados, apenas 12% dos participantes consideram que têm muitos amigos no curso, contra 42% com poucos amigos. Um dos principais motivos atribuído por eles para essa pouca quantidade de amigos foi o *desnívelamento*, que acaba atrapalhando para que se possa construir relações mais profundas, bem como a falta de afinidade, que é de fundamental importância para a criação de laços.

Diante disso, de acordo com Peron, Guimarães e Souza (2010, p. 668) “entende-se amizade como uma interação diádica recíproca e íntima, iniciada por livre escolha e marcada por um forte componente afetivo”. Dessa forma, a amizade tem como principais funções a promoção do afeto, intimidade e segurança. Além disso, ter amizades no curso é de grande importância, visto são uma forma de alívio afetivo para a sobrecarga que se tem ao cursar uma graduação.

Em relação a afinidade, de acordo com Santos, Oliveira e Dias (2015, p. 155), no decorrer da graduação “[...] é esperado que os discentes constituam laços de amizade com colegas com os quais apresentam afinidades de interesses e recorram a eles quando se deparam com adversidade acadêmica ou pessoal”. Dessa forma, a falta de afinidade com os seus colegas de curso acaba por dificultar o afloramento de um interesse em se construir uma relação, uma vez que não se identificam com esses colegas de curso.

Na seção seguinte, intitulada de *Interação social com amigos*, procuramos saber se os participantes da pesquisa já se sentiram isolados socialmente na Universidade, bem



como a composição do seu atual grupo de amigas na UFRN. Ao somarmos as alternativas que indicam a sensação de isolamento social, como *sempre, às vezes*, por exemplo, cerca de 77% dos participantes sentiram ao menos uma vez a sensação de isolamento social.

Partindo desses dados, quando os sujeitos se isolam do grupo de seus pares pode ser o resultado de comportamentos de rejeição e de vitimização por parte dos outros. Dessa forma, o sujeito não se isola sozinho, e sim é isolado pelo seu grupo de pares (Ferreira et al. 2013). Diante disso, a solidão pode ser uma consequência da insatisfação com o número ou com a qualidade de amigas do sujeito. Porém, o ser humano é um ser sociável por natureza, no entanto “[...] “parece haver pessoas mais sociáveis do que outras; ou seja, dependendo das próprias características de cada indivíduo, ele pode necessitar de estar mais ou menos só (Fernandes e Neto, 2009, p. 8)”. Dessa forma, a sensação de isolamento social pode ser mais comum do que imaginamos, uma vez que, como seres diferentes, nem sempre nos identificamos com o outro.

Em seguida, procuramos saber se das atuais amigas na Universidade, se elas são compostas por colegas do curso. Como resultado, tivemos com 50% que a maioria das amigas foram construídas dentro do curso, bem como 26% têm todas as amigas construídas no curso. Esses dados mostram que os estudantes interagem, em sua grande maioria, com as pessoas que estão mais perto, como os seus colegas de aula. Para Medeiros (2020, p. 130), esses estudantes são chamados de *localistas*, sendo eles centrados em sua área de estudo, seja por escolha própria ou por motivos de tempo disponível para conhecer outras áreas.

Diante disso, é perceptível que a maioria dos estudantes têm uma maior facilidade em interagir com os colegas do curso do que com estudantes de outras áreas. Podemos inferir que esses estudantes são os mesmos que não procuram outras áreas para cursar disciplinas optativas, por exemplo, limitando-se apenas à área do curso de Pedagogia, o que acaba gerando uma baixa interação com os demais estudantes da Universidade.

Na seção seguinte, intitulada de *Interação social com amigos (extraclasse)*, diz respeito aos momentos de convivência com os colegas de curso fora da sala de aula. Diante disso, na primeira questão, buscamos saber se esses participantes da pesquisa encontram os colegas fora da sala de aula para conversar. Como resultados, obtivemos



que 42% dos participantes encontram-se com colegas em outros ambientes extraclasse, como corredores, cantina, paradas de ônibus.

Na questão seguinte, procuramos saber se esses estudantes saem com seus colegas e amigos do curso para locais fora da Universidade. Como resultado, obtivemos que 40% dos participantes saem com seus colegas de curso, como saídas para bares, shoppings etc. Em seguida, procuramos saber se esses participantes discutem com os seus colegas sobre ideias acerca da formação profissional e expectativas de trabalho. Como resultado, obtivemos que 38% dos participantes discutem com uma certa frequência sobre essas ideias. Por fim, procuramos saber se esses estudantes conversam com os seus colegas de curso sobre problemas pessoais. Como resultado, obtivemos igualmente que 38% dos estudantes conversam com os colegas apenas algumas vezes sobre problemas pessoais.

Diante desses resultados, podemos perceber que, os estudantes de pedagogia apresentam-se bem equilibrados em relação às interações dentro da Universidade e fora dela. De acordo com Medeiros (2018. p. 105), a socialização em que há uma proximidade maior é chamada de *socialização afetiva*, e essas amizades são “muito mais do que colegas de classe, é, sobretudo, possível que estabeleçamos uma relação de amizade com as pessoas que conhecemos na sala de aula e [...] que esse vínculo estabelecido extrapole os limites da universidade”.

Na seção seguinte, procuramos saber novamente como os estudantes do curso de Pedagogia interagem, mas dessa vez dentro da sala de aula. Na primeira pergunta, sobre troca de mensagens com colegas de curso durante a aula, tivemos como resultado, apenas que 31% conversam por meios eletrônicos durante a sala de aula, sendo indicado pelos participantes que o principal assunto que conversam com os seus colegas de curso é sobre aulas e tarefas, com 27% das respostas.

Em relação à participação em eventos com os seus colegas de curso, 78% participam, com alguma frequência, contra 22% que participam pouco ou não participam. Sobre os trabalhos, 50% dos participantes da pesquisa preferem realizá-los em grupo, contra 24% que preferem realizá-los individualmente. Ao questionarmos se ter uma boa relação com os seus colegas de curso contribuem em seus resultados acadêmicos, como resposta, obtivemos que 69% acreditam que sempre ajuda ou ajuda muito ter uma boa relação, contra 27% que acreditam que não ajuda ou ajuda pouco.



Diante dos dados anteriores, pudemos perceber que os estudantes do curso de Pedagogia têm uma boa interação com os seus colegas de curso, no momento em que se disponibilizam a interagir com os mesmos por meios eletrônicos, como aplicativos de mensagens, bem como a irem à eventos acadêmicos e a optarem, em sua grande maioria, por trabalho em grupo. Em relação ao trabalho em grupo, por exemplo, Para Silva e Leal (2006) o trabalho em grupo é um recurso muito utilizado pelos professores, a fim de dinamizar a forma ensino e promover interação entre os estudantes.

Dessa forma, os trabalhos em grupo promovem uma interação entre os estudantes, bem como contribuem para uma troca de experiências e aprendizados. Ainda de acordo com Silva e Leal (2006), os grupos geralmente são formados tendo como critério principal a afinidade e a amizade, sendo esses critérios também utilizados para a adição de novos membros ao grupo. Corroborando com Silva e Leal (2006) em relação aos trabalhos em grupo, para Veiga (1995), a partir dos trabalhos em grupo com objetivos educacionais, o estudante tem a oportunidade de aprender não apenas com o professor, mas também com os seus colegas de curso, através da troca de conhecimentos, sentimentos e emoções.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do que foi exposto anteriormente acerca da socialização acadêmica, mais especificamente sobre a socialização dos estudantes do curso de Pedagogia da UFRN, pudemos perceber que o curso de Pedagogia é composto majoritariamente por mulheres e que, a partir da expansão do acesso ao Ensino Superior, o número de estudantes fora da faixa etária entre 18 e 24 anos está crescendo, possibilitando uma maior abertura para a sociedade que procura uma formação, seja ela uma formação inicial ou uma formação complementar.

Além disso, em relação às interações dos estudantes de Pedagogia, pudemos perceber que existe, entre eles, uma relação de troca. As relações construídas por esses estudantes têm um grande peso em suas vidas acadêmicas, sendo essas relações podendo serem consideradas como uma forma de alívio afetivo, como dito anteriormente.

Ademais, apesar dos estudantes não se sentirem completamente à vontade para compartilhar problemas pessoais, por exemplo, as relações que são construídas por eles têm uma grande participação em momentos considerados mais acadêmicos, o que, de



certa forma, interfere tanto na satisfação com o curso, quanto com a permanência desse estudante.

Em suma, os estudantes do curso de Pedagogia da UFRN são estudantes que procuram ter boas relações com os seus colegas de curso, seja em momentos acadêmicos ou em momentos extraclasse. Ademais, estudos com cunho subjetivo que visam entender melhor as relações construídas no Ensino Superior fazem-se de extrema importância para olharmos para o principal público da Universidade, que são os estudantes. Então, a importância de mais estudos acerca da temática, bem como o aprofundamento deste têm uma grande importância para entendermos o que é o Ensino Superior, e como ele funciona para os estudantes.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Dados do Censo da Educação Superior 2014**. Disponível em:

<[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2015/Notas\\_Estatisticas\\_Censo\\_Superior\\_2015.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2015/Notas_Estatisticas_Censo_Superior_2015.pdf)>. Acesso em: 15 agosto de 2020

FAGUNDES, Tereza C. P. A mulher como profissional de educação – alguns aspectos de sua trajetória de formação. **Revista da FAGED**, n.3, 1999. Disponível em:

<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2920/2087> Acesso 01/02/2020

FERNANDES, Hélder; NETO, Félix. ADAPTAÇÃO PORTUGUESA DA ESCALA DE SOLIDÃO SOCIAL E EMOCIONAL (SELSA-S). **Psicologia Educação e Cultura** 2009, vol. XIII, nº 1, pp.7-31

FERREIRA, Adir Luiz. Como a relação entre capital cultural e formação no ensino superior aparece para os universitários. In: DOMINGOS SOBRINHO, Moisés; ENNAFAA, Ridha; CHALETA, Elisa. **La educación Superior, el estudiantado y la cultura universitária**. Valência: Editorial Neopatria, pp. 161-190, 2016.

FERREIRA, Adir Luiz. Socialização na universidade: quando apenas estudar não é o suficiente. **Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, jan./abr., 2014

FERREIRA, Débora et al. Isolamento social e sentimento de solidão em jovens adolescentes. **Análise Psicológica** (2013), 2 (XXXI): 117-127

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa**. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.



LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1997.

MEDEIROS, Marília do Vale Góis Pacheco; FERREIRA, Adir Luiz; COSTA, Jennifer Juliana Barreto Bezerra. A socialização universitária e suas faces: um olhar mais próximo de uma estudante e suas (des)motivações. **XXVII Congresso de Iniciação Científica e Tecnológica – CIC UFRN**. Natal, 2016. Disponível em: <<http://cic.propesq.ufrn.br/trabalhos.php###resultado>> Acesso em: 03/05/2018.

MEDEIROS, Natália Cristina de. **A socialização como estratégia de sobrevivência acadêmica de estudantes no ensino superior (curso de pedagogia)**. 2018. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

MEDEIROS, Marília do Vale Góis Pacheco. **A vida universitária e a socialização estudantil: relação entre estudantes de pedagogia e outros cursos da UFRN**. 2020. 151f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

MESQUITA, Maria Cristina das Graças Dutra. **O trabalhador estudante do ensino superior noturno: possibilidades de acesso, permanência com sucesso e formação**, 2010.

PAIVANDI, Saeed. **A relação com o aprender na universidade e o ambiente de estudos**. Educação em Questão, Natal, v. 48, n. 34, p. 39-64, jan./abr., 2014

PERON, S. I.; GUIMARÃES, L. S.; SOUZA, L. K. Amizade na adolescência e a entrada na universidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia** (Online), 2010, 664-681.

SANTOS, Anelise Schaurich dos; OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; DIAS, Ana Cristina Garcia. Características das relações dos universitários e seus pares: implicações na adaptação acadêmica. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, 17(1), 150-163. São

SETTON, Maria das Graças Jacintho. **Introdução ao tema socialização**. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11994/11994.PDF>> Acesso em: 28/07/2020

SILVA, Fátima Soares da; LEAL, Thelma Ferraz. **É em grupo ou individual professor?** A prática do trabalho em grupo no Centro de Educação da UFPE sob duas óticas: docente e discente 2006 (Artigo de divulgação científica).

VEIGA, Ilma P. A. O seminário como técnica de ensino socializado. In: Veiga, I.P. A. (org). **Técnicas de ensino: Por que não?** Campinas: Papyrus. 1995

VIEIRA, Sonia. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.